

**O POTENCIAL DAS DIETAS VEGETARIANAS PARA A SUSTENTABILIDADE:
Um estudo com estudantes da UFPE - CAA**

JOHN KENNEDY DA SILVA NASCIMENTO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE - CAA (UFPE)

DANIELLA RAMOS
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE - CAA (UFPE)

LIZANDRA KELLY DE ARAÚJO SANTANA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)

O POTENCIAL DAS DIETAS VEGETARIANAS PARA A SUSTENTABILIDADE: Um estudo com estudantes da UFPE - CAA

1 INTRODUÇÃO

A alimentação vegetariana remonta à Grécia Clássica, sendo adotada por razões religiosas, de saúde e filosóficas (Silva *et al.*, 2015). No Brasil, as primeiras manifestações organizadas do vegetarianismo ocorreram no início do século XX, sendo fundada a Sociedade Naturista Brasileira, no Rio de Janeiro, em 1913 (Braga, 2018).

O vegetarianismo apresenta aspectos éticos, sociais, de saúde e desempenha um papel crucial na preservação ambiental, como aponta a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB). A conexão entre alimentação e sustentabilidade evidencia-se ao se considerar a definição da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1991) para desenvolvimento sustentável como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer as futuras gerações. Assim, a adoção do vegetarianismo busca minimizar os impactos ambientais.

A Resolução nº 1 do CONAMA (1986) conceitua impacto ambiental como qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente que afete direta ou indiretamente a saúde, a segurança e o bem-estar da população, além de influenciar as atividades sociais e econômicas, a biota, as condições estéticas e sanitárias e a qualidade dos recursos ambientais. Dentro desse contexto, um dos maiores problemas ambientais enfrentados pela humanidade são as emissões de GEEs (Gases de Efeito Estufa) que causam o aquecimento global. O relatório SEEG (2023) aponta que em 2022 as emissões do setor agropecuário foram de 617,2 milhões de toneladas de CO₂eq, evidenciando sua expressiva contribuição para as mudanças climáticas. Assim, a redução do consumo de produtos de origem animal pode representar uma estratégia eficaz para mitigar esses impactos, reforçando a importância do vegetarianismo como alternativa sustentável.

A pegada de carbono é a métrica utilizada para quantificar as emissões de GEEs, podendo ser causada por atividades ou pelo acúmulo no decorrer do ciclo de vida de produtos (Garzillo *et al.* 2019). De acordo com a NBR ISO 14040 (ABNT, 2009), a avaliação do ciclo de vida de um produto ocorre do berço ao túmulo, abrangendo desde a matéria-prima utilizada até sua produção, uso, tratamento pós-consumo, reciclagem e disposição final.

Na alimentação, a pegada de carbono reflete o impacto ambiental associado à produção dos alimentos consumidos. No setor da carne bovina, essas pegadas são expressivas, podendo atingir 429 kg de CO₂e/kg, dependendo do processo produtivo (Instituto Escolhas, 2020). Esses números são preocupantes ao se considerar que, em 2022, foram abatidos 42,31 milhões de bovinos (ABIEC, 2023) e que, em 2023, o rebanho de bovinos chegou a quase 239 milhões de cabeças (IBGE). Esse cenário indica o potencial de aumento da pegada de carbono do setor, contribuindo para o aquecimento global e afastando o país dos princípios da sustentabilidade, caso não sejam implementadas intervenções efetivas.

A importância de uma alimentação saudável e sustentável torna-se ainda mais evidente diante do cenário de alto consumo de alimentos ultraprocessados e de baixo valor nutricional no Brasil, especialmente entre jovens universitários (Feitosa *et al.*, 2010; Duarte, Almeida, Martins, 2013; Perez *et al.*, 2016), contrastando com a crescente preocupação com a sustentabilidade entre os mesmos.

Em 2023, 81% dos brasileiros declararam adotar hábitos sustentáveis (CNI, 2023), e 98% dos jovens reconheciam a relevância do meio ambiente (JUMA, 2022). Portanto, os universitários, com sua conscientização sobre sustentabilidade, podem se tornar agentes de mudança. Assim surgem questões sobre a percepção desses estudantes em relação ao papel do

vegetarianismo para a sustentabilidade, considerando que essa dieta pode reduzir a pegada de carbono e os impactos ambientais ligados à produção de alimentos de origem animal.

Frente a esse contexto, formula-se o seguinte problema de pesquisa: Os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade de dietas vegetarianas contribuírem com a sustentabilidade?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

Compreender como os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade que dietas vegetarianas têm de contribuir com a sustentabilidade.

1.1.2 Objetivos específicos

- Discutir as motivações das escolhas alimentares dos estudantes.
- Analisar conhecimento ambiental dos estudantes sobre a relação entre dietas vegetarianas e sustentabilidade.
- Entender como ocorrem as discussões na Universidade sobre a sustentabilidade atrelada às práticas alimentares do ponto de vista dos estudantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável

Segundo Boff (2017), o conceito de sustentabilidade possui mais de 400 anos de história, surgindo no século XVI, em 1560, na Alemanha, através da silvicultura, após ter aumentado a preocupação com o manejo das florestas devido ao uso intensivo ter causado um escasamento da mesma, percebido principalmente pelas potências marítimas da época.

A sustentabilidade apresenta origens na biologia e na economia, a primeira sendo referente à ecologia, que trata da resiliência dos ecossistemas; já a segunda, é atrelada ao desenvolvimento e encara a alta produção e consumo, levantando questões sobre a continuidade desse sistema (Nascimento, 2012).

Boff (2017) disserta sobre o relatório de Brundland, de 1987, que apresenta uma definição de “desenvolvimento sustentável”, utilizada amplamente na literatura sobre este tema, que significa “aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem as suas necessidades e aspirações”. Entretanto, Nascimento (2012) destaca que, esta definição de Brundland, pode ser julgada vaga, por não explicar quais seriam as necessidades das gerações atuais e das gerações futuras, mas ganha força ao agregar valores éticos e sociais, visando garantir um compromisso com as próximas gerações e estabelecendo formas de reduzir desigualdades sociais.

Para Mikhailova (2004), a sustentabilidade é a capacidade de se sustentar, ou seja, a exploração de recursos naturais deve melhorar a qualidade de vida da população e preservar os ecossistemas, evitando o esgotamento desses recursos, apontando que uma definição mais concreta seria “O desenvolvimento sustentável procura a melhoria da qualidade de vida de todos os habitantes do mundo sem aumentar o uso de recursos naturais além da capacidade da Terra” expresso na Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, em 2002.

Segundo Nascimento (2012), as dimensões da sustentabilidade são: a ambiental, a econômica e a social. A primeira visa que modelos de produção e consumo respeitem a capacidade de regeneração e desenvolvimento dos ecossistemas. A segunda propõe um

consumo estratégico dos recursos naturais, buscando melhorar a eficiência desse uso e garantir que inovações tecnológicas proporcionem um novo caminho que desvie da utilização de fontes de energias fósseis. A terceira supõe que para se atingir uma sociedade sustentável são necessários a erradicação da pobreza e padrões de desigualdade aceitáveis. Explica, ainda, ser necessário incluir novas dimensões como a de poder e a de cultura, pois, para realizar as mudanças reivindicadas pelas dimensões anteriores, é preciso levar em consideração conflitos de interesse entre as organizações governamentais, a sociedade civil e as empresas, por esse motivo, as estruturas e decisões políticas, bem como os valores e comportamentos da sociedade, devem acompanhar esse processo.

Em uma definição integradora para o conceito de sustentabilidade Boff (2017) explica que, para chegar a este resultado, existem três problemáticas que precisam ser analisadas: a explosão demográfica, os limites da Terra na produção de alimentos e a governança global. Logo, propõe-se uma definição mais holística para este conceito, na qual destaca-se que é necessário garantir que sejam atendidas as necessidades presentes e futuras e que a capacidade de regeneração e as condições físico-químicas dos recursos naturais sejam mantidas.

A sustentabilidade vem sendo discutida e refletida no decorrer dos últimos séculos, carregando significados para a realidade atual do planeta e sendo debatida sua situação em diversas conferências internacionais que visam criar pactos onde os países membros devem atingir os objetivos e metas estabelecidos para garantir o desenvolvimento sustentável.

2.2 Agenda 2030 e objetivos de desenvolvimento sustentável - (ODS)

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, de acordo com a ONU BRASIL (2025), são “[...] um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade”. Os dados disponibilizados pela mesma apontam que os recursos disponíveis para a implementação desses objetivos em 2025 no Brasil são de US\$134,6 milhões.

Realizada em Nova York, em setembro de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas, que contou com a participação dos 193 países membros, desenvolveu a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Contudo, esta não foi a primeira conferência de meio ambiente e desenvolvimento sustentável. A ONU BRASIL (2020) aponta que o primeiro grande marco na área do meio ambiente aconteceu em 1972 com a Conferência de Estocolmo, ademais, outras conferências que se destacam são: a Cúpula da Terra (1992); a Cúpula Mundial Sobre Desenvolvimento Sustentável (2002); a Rio +20 (2012).

Segundo a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável (2015), os 17 ODS - dispostos na Figura 1, a seguir - e suas 169 metas, criados a partir do legado dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, visam garantir os direitos humanos de todos e atingir a igualdade de gênero. Os ODS “[...] são integrados e indivisíveis, e equilibram as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental”.

Figura 1 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Organização das Nações Unidas (2015)

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, portanto, estão diretamente relacionados à temática do vegetarianismo e seus impactos éticos, sociais, de saúde e ambientais. Alguns dos ODS mais pertinentes a essa discussão incluem:

- **ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável):** A adoção de dietas baseadas em vegetais pode contribuir para um sistema alimentar mais eficiente, reduzindo a pressão sobre os recursos naturais e tornando a produção de alimentos mais sustentável.
- **ODS 3 (Saúde e Bem-Estar):** Dietas vegetarianas equilibradas estão associadas à redução de doenças crônicas, como obesidade, diabetes e doenças cardiovasculares.
- **ODS 12 (Consumo e Produção Responsáveis):** A pecuária industrial consome grandes quantidades de água e terra, além de gerar desmatamento e poluição, enquanto dietas baseadas em vegetais podem reduzir esses impactos.
- **ODS 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima):** A agropecuária é uma das maiores responsáveis pelas emissões de metano e CO₂, e a diminuição do consumo de carne pode ajudar na mitigação do aquecimento global.
- **ODS 15 (Vida Terrestre):** A expansão da pecuária é uma das principais causas do desmatamento, especialmente na Amazônia. Uma mudança para dietas com mais vegetais pode reduzir a pressão sobre florestas e biodiversidade.

Dessa forma, o vegetarianismo não é apenas uma escolha individual, mas também uma estratégia que se alinha a diversas metas globais voltadas à sustentabilidade, saúde e equidade.

2.3 Impacto ambiental e emissões de gases de efeito estufa

A literatura sobre impacto ambiental, por vezes, o define como negativo, porém, como aponta o inciso II do artigo 6º da Resolução do CONAMA (1986, p. 638), os impactos ambientais podem ser “[...] positivos e negativos (benéficos e adversos), diretos e indiretos, imediatos e a médio e longo prazos, temporários e permanentes; seu grau de reversibilidade; suas propriedades cumulativas e sinérgicas; a distribuição do ônus e benefícios sociais”.

As ações humanas têm gerado impactos ambientais negativos em todo o planeta, principalmente sobre o clima, as ações humanas têm aquecido a atmosfera, os oceanos e os continentes (IPCC, 2021). Esse aumento de temperatura da Terra ocorre devido à emissões de

GEEs (Gases de Efeito Estufa) que, são constituintes gasosos da atmosfera capazes de absorver e emitir radiação, causando o efeito estufa (IPCC, 2021).

Para poder quantificar o impacto causado por diferentes gases de efeito estufa, é utilizada uma métrica chamada Potencial de Aquecimento Global (GWP), a mesma é mensurada em um determinado período de tempo, geralmente 100 anos (IPCC, 2007). Garzillo *et al.* (2019) complementa, sobre o GWP, que essa técnica de conversão se utiliza de um único parâmetro para mensurar a soma das massas de diferentes gases.

Garzillo *et al.* (2019) explica que essa medida expressa-se em unidade de massa e diferentes gases são convertidos para carbono equivalente e se utiliza do GWP de cada gás. Em consonância, o IPCC (2007) mostra que a emissão 1 kg de metano (CH₄) e 1 kg de óxido nitroso (N₂O), por exemplo, geram o mesmo Potencial de Aquecimento Global (GWP) que emitir 25 kg e 298 kg, respectivamente, de dióxido de carbono no período de 100 anos.

Em 2023, no Brasil, as emissões brutas de GEEs foram de 2,3 bilhões GtCO₂e e as emissões do setor agropecuário foram de 631,2 milhões de toneladas de CO₂eq (GWP AR5). É apontado que a principal causa do aumento das emissões em 2023, foi o crescimento do rebanho bovino e que o gado de corte foi a maior fonte emissora de GEEs do setor, atingindo de 417,6 MtCO₂eq (SEEG, 2024).

Além da fermentação entérica, outro fator importante que contribui para o aumento nas emissões de GEEs é a mudança no uso da terra. O MapBiomass (2024) aponta que, entre 1985 e 2023, a área de pastagem cresceu em 363% e que a agropecuária cresceu 417% nos últimos 39 anos. O SEEG (2024) aponta que, em 2023, as mudanças no uso de terra representaram a emissão de 1,06 bilhão de toneladas brutas de CO₂eq. Ademais, as atividades agropecuárias podem representar 74% da poluição climática no Brasil.

A relação entre as emissões de GEEs e a agropecuária evidencia a necessidade de repensar os padrões de produção e consumo alimentar. A predominância das emissões oriundas da fermentação entérica e das mudanças no uso da terra reforça o impacto ambiental do modelo atual de produção de carne bovina, tornando essencial a busca por alternativas mais sustentáveis. Nesse contexto, dietas baseadas em vegetais surgem como uma estratégia viável para a redução das emissões, alinhando-se aos ODS da ONU.

Nesse contexto, a relação entre alimentação e sustentabilidade se torna um campo fértil para debates, especialmente no ambiente acadêmico, onde estudantes são frequentemente expostos a novas perspectivas e reflexões críticas. Assim, compreender os hábitos alimentares desse público e sua percepção sobre a sustentabilidade é essencial para avaliar a viabilidade e os desafios da adoção de dietas vegetarianas no contexto universitário.

2.4 Pecuária, dietas vegetarianas e estudantes universitários

É apontado no relatório “A grande sombra da pecuária” (Livestock’s long shadow), produzido pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO, 2006), que o setor da pecuária é um dos principais causadores de problemas ambientais, gerando impactos na degradação do solo, nas mudanças climáticas e na poluição do ar, na poluição e no esgotamento da água e na perda de biodiversidade.

Ao se tratar da degradação do solo, o relatório da FAO (2006) destaca que a área designada para produção de gado representa 70% da terra destinada para a agricultura e 30% da superfície terrestre e que cerca de 20% das pastagens do mundo foram degradadas devido ao superpastoreio, pela compactação e pela erosão causadas pela pecuária. Ademais, além de causar mudanças climáticas e poluição do ar, a pecuária é apontada como a maior fonte setorial de poluição de água e como principal agente na redução de biodiversidade.

No livro Pegadas dos Alimentos e das Preparações Culinárias Consumidos no Brasil, Garzillo *et al.* (2019) traz dados sobre as pegadas de carbono dos alimentos que mostram a

disparidade de carbono produzido por alimentos de origem vegetal e animal, onde 100g de arroz (polido, parboilizado, agulha, agulhinha etc.) produz 106 gCO₂eq, já 100 gramas de carne bovina cozida produz 4.215 gCO₂eq.

A indústria pecuária tem sido um dos principais causadores de problemas ambientais no mundo e, por outro lado, o meio ambiente tem sido um dos pilares motivadores para a adesão de dietas vegetarianas. O Estatuto da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) define o vegetarianismo como “o regime alimentar que exclui os produtos de origem animal”. Ademais, 14% dos brasileiros se declararam vegetarianos e que 55% dos brasileiros consumiriam mais produtos veganos se estivessem indicados nas embalagens (IBOPE, 2018).

O embate entre o consumo de carne e dietas vegetarianas e a crescente preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade vêm mostrando como a alimentação, de acordo com Azevedo (2017), pode ser fomentadora de discussões diversas, sendo um pilar de organização social, ativismo e carregando simbolismos que geram questionamentos éticos. O ato de comer conecta-se ao meio social e, se tratando de dietas vegetarianas, é capaz de fortalecer contatos em espaços sociais, como universidade e âmbito laboral, e a memória das práticas alimentares aproximam as pessoas dos aspectos socioculturais da alimentação (Bogado e Freitas, 2016).

Os jovens e estudantes têm sido um foco de pesquisas sobre a sustentabilidade. Em seu estudo, Costa (2021), indica a necessidade de propiciar o acesso à informações sobre o processo produtivo e de consumo dos alimentos. A pesquisa JUMA (2022), aponta que 80% dos jovens utilizam os espaços de escolas e universidades para conversar sobre o meio ambiente e indicam as universidades como agente de preservação.

Em pesquisa realizada por Cavalcanti *et al.* (2020) com estudantes de Administração da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), constatou-se que os discentes apresentaram pouca preocupação ambiental em seus hábitos de compra, porém, a pesquisa de SANTOS *et al.* (2020), realizada, também, com estudantes de Administração da UFPE CAA, salienta que os alunos acreditam que as disciplinas cursadas não foram capazes de ajudá-los no desenvolvimento de aptidões para a proteção do meio ambiente, valores ou motivações para solucionar problemas socioambientais, mas, apesar disso, julgam importante a sustentabilidade para tomadas de decisões.

Barbieri (2004, p. 933) explica que empresas são parte dos problemas ambientais, por conta da “utilização de recursos do meio ambiente para produzir bens e serviços ou pelos resíduos que geram direta ou indiretamente”, por isso seria necessário a inserção da educação ambiental na formação de profissionais de nível superior.

No tocante da população acadêmica brasileira, de acordo com o Censo da Educação Superior 2023 (MEC, INEP, 2024), foram ofertadas 24.687.130 vagas nas 2.580 instituições de educação superior registradas, podendo ser privadas ou públicas e suas modalidades de ensino sendo presencial ou EaD (Educação à Distância). Já o número de matrículas atingiu o quantitativo de 9,9 milhões, havendo mais de 4,9 milhões de ingressantes em 2023.

Estudos realizados com universitários apontam hábitos alimentares inadequados e não saudáveis (Feitosa et al., 2010; Duarte, Almeida, Martins, 2013; Perez et al., 2016) com alto consumo de ultraprocessados e baixo consumo de frutas e vegetais. Diante desse cenário, surgem preocupações sobre a capacidade de estudantes universitários da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) enxergarem o vegetarianismo como meio de contribuir para a sustentabilidade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, conforme apontado por Strauss e Corbin (2008) e Flick (2009), por permitir a compreensão aprofundada de percepções, emoções e contextos sociais. Essa escolha metodológica mostrou-se especialmente pertinente

diante do objetivo do estudo, que foi compreender como os estudantes da UFPE – CAA percebem a contribuição das dietas vegetarianas para a sustentabilidade.

Para alcançar esse objetivo, foi construída uma base de dados composta por elementos significativos extraídos de discursos de indivíduos com alguma relação relevante com a prática social investigada. A construção do corpus e a definição dos dados suplementares priorizaram a diversidade de experiências, considerando estudantes de graduação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. A seleção dos participantes foi realizada de forma intencional, com o propósito de alcançar respostas oriundas do maior número possível de cursos, permitindo, assim, uma compreensão mais ampla e contextualizada da temática a partir de diferentes áreas do conhecimento.

Os extratos do *corpus* analítico ora citados foram selecionados a partir da adaptação de uma entrevista semi estruturada para um formulário semi estruturado, visando suas vantagens que, como destaca Marconi (2015), são a obtenção de respostas precisas, a maior liberdade que os participantes sentem para responder, devido ao anonimato, e pelo fato de poder ser respondido em uma hora favorável. O mesmo utilizou questões fechadas de múltipla escolha para a coleta de informações básicas sobre faixa etária, gênero, curso e dieta seguida, e questões abertas, que, segundo Marconi (2015), são importantes pois permitem respostas livres que emitem opiniões e utilizam de linguagem própria, possibilitando uma investigação mais profunda e precisa.

O corpus foi coletado por meio de um formulário semi estruturado, elaborado com base em roteiro de entrevista e aplicado virtualmente, via Google Forms, nos meses de fevereiro e março de 2025.

A construção do corpus seguiu critérios metodológicos que garantissem coerência e relevância em relação ao objetivo da pesquisa, com base na concepção de Barthes (1996), que define o corpus como uma construção do pesquisador. A coleta foi encerrada com base no princípio da saturação dos dados, conforme Minayo (2012), quando novas respostas deixaram de trazer contribuições distintas.

A análise do corpus seguiu seis etapas: leitura exploratória, identificação de unidades de significado, organização em categorias iniciais, refinamento das categorias, seleção de trechos ilustrativos e articulação com o referencial teórico. Como resultado, emergiram três categorias principais: **Motivações das Escolhas Alimentares**, **Conhecimento Ambiental** e **Discussão na Universidade**.

A pesquisa concentrou-se nos estudantes vinculados ao CAA/UFPE, que, no semestre de 2024.2, contava com 4.147 alunos distribuídos em 13 cursos de graduação. Essa delimitação permitiu uma investigação situada, considerando as experiências e contextos específicos dos participantes sobre a relação entre vegetarianismo e sustentabilidade.

4 ANÁLISE DO CORPUS

4.1 Motivações das escolhas alimentares

Ao discorrer sobre suas motivações para seguirem as suas dietas, os estudantes destacam:

- Aspectos socioculturais - “*A cultura que nascemos nos induz a essa dieta e levamos isso a diante depois que crescemos [...]*” e “*É uma escolha conveniente ao estilo de vida familiar, pois desde cedo fui introduzida nesta dieta*”, indo de encontro com o estudo de Bogado e Freitas (2016) que indicam que a dimensão socializadora da alimentação é impactada pelas formas que nos relacionamos, sendo as práticas alimentares uma forma de adquirir e transmitir valores;

- Sustentabilidade e causa animal - *“Os mal tratos dos animais e como a vida deles são resumida a apenas ser nossa alimentação” e “[...] os motivos era a causa animal, ter uma alimentação mais saudável [...] e o outro motivo era um planeta mais sustentável.”*;
- Influência do acesso à informações - *“Sim, tive contato. Foi um dos motivos que influenciou minha dieta, mas não o único”*;
- Praticidade - *“Muitas cidades não oferecem recursos para manter uma dieta vegetariana/vegana e, quando oferecem, muitas pessoas não possuem condições financeiras para manter esse tipo de dieta, já que não é algo comum mercado.”*;
- Sabor - *“Gosto bastante de carne e de poder escolher entre alimentos de origem vegetal ou animal.”*;
- Saúde - *“A dieta onívora me oferece uma maior variedade nutricional, facilitando a obtenção de proteínas completas, vitaminas e minerais importantes pra saúde.”*, todavia, outro respondente destaca que foi influenciado a se tornar vegano porque *“[...] alguns estudos mostram que essa dieta é mais saudável do que a dieta onívora”*.

Este último ponto reflete a ambiguidade encontrada nos dados da pesquisa IBOPE sobre vegetarianismo (2018), onde 26% e 23% dos entrevistados concordam e discordam totalmente, respectivamente, que produtos veganos podem ter a mesma qualidade em comparação a produtos que contém ingredientes de origem animal.

Logo, observa-se uma variedade de razões motivadoras que influenciam as escolhas alimentares dos estudantes universitários, mostrando que estas são intrinsecamente conectadas aos aspectos socioculturais que os rodeiam desde sua introdução alimentar e às informações que estes têm acesso sobre sustentabilidade e saúde conectadas às práticas alimentares.

4.2 Conhecimento ambiental

Esta visa entender a compreensão dos estudantes sobre a conexão entre alimentação e sustentabilidade. Os achados demonstram que alguns participantes compreendem o elo existente entre estes tópicos, dissertando que *“[...] a manutenção da produção de alguns tipos de carne (em especial bovina) causa alguns efeitos negativos na natureza, como maior emissão de gases do efeito estufa [...]”*, indo de encontro com o estudo de Costa (2021), onde, ao perguntar aos estudantes sobre a redução do consumo de carne bovina como uma ação de sustentabilidade alimentar, encontrou dados que indicaram que mais de 50% de ambos os cursos estudados concordam totalmente ou parcialmente com essa afirmação.

Um fator que ganha destaque é a opinião dos participantes sobre a contribuição de dietas vegetarianas para a sustentabilidade. Um dos respondentes apontou: *“Sim, acredito que a produção de carne, especialmente de boi, é uma das principais fontes de impactos ambientais, portanto ao escolher uma dieta vegetariana, você contribui para reduzir esses impactos”*. Esse trecho pode ser relacionado ao livro de Garzillo *et al.* (2019), no qual se observa que os alimentos de origem vegetal consumidos no Brasil, mesmo levando em consideração os modos de preparo, conseguem ter uma pegada de carbono expressamente menor do que alimentos de origem animal, podendo, assim, reduzir as emissões de carbono, causando a diminuição de impactos ambientais.

Entre aqueles que dissertaram sobre os impactos ambientais, alguns destacaram o *“[...] alto desmatamento para abertura de pastos”* e que *“[...] quanto menos o mercado agropecuário for consumido, haverá menos expansão do pasto [...]”* indo de encontro com informações da pesquisa JUMA (2022), apresentando que 34% dos jovens consideram o desmatamento como um dos assuntos ambientais mais importantes onde moram e que 20% destes associam o desmatamento das florestas às mudanças climáticas. Estas informações

podem ser corroboradas pelos dados do MapBiomass (2024) que ressaltam a pastagem como representante de 90% do desmatamento ao longo dos anos na Amazônia.

Em contrapartida, alguns discentes não concordaram com essa conexão entre os temas de sustentabilidade e dietas vegetarianas. Foi destacado que *“Nunca ouvi nada sobre a relação que possa existir entre essas coisas, logo, não”*, outros apontaram não saber se existe essa relação e, por fim, destaca-se o fato do não conhecimento de um dos termos abordados, ao indicar que *“não entendo o que significa o termo “pegada” nesse contexto. Por isso não posso responder”*. Outro ainda apontou a necessidade de entender melhor como se daria esse processo de redução de pegada de carbono a partir de dietas vegetarianas, dissertando que *“[...] depende muito mais dos objetivos para os quais a produção de alimentos é realizada (alimentação vs geração de riqueza) do que qual dieta tenha menos impacto, pois para este segundo ponto a resposta é muito simples, sim, mas não depende somente dessa questão”*.

De modo geral, enquanto alguns participantes associam a redução do consumo de carne a menores impactos ambientais, outros demonstraram desconhecimento. Essas percepções reforçam a importância de ampliar o debate sobre o tema, considerando diferentes perspectivas e a necessidade de maior acesso a informações sobre sustentabilidade alimentar.

4.3 Discussão na universidade

Pode-se afirmar de maneira indubitável que a conscientização pode desempenhar um papel importante na adoção de escolhas mais sustentáveis. Por isso, a universidade pode ser considerada um agente de conservação e um espaço para os jovens discutirem sobre o meio ambiente, a pesquisa JUMA (2022) destaca que 53% dos jovens esperam que essas instituições promovam debates para ajudá-los a enfrentar os efeitos da crise climática, entretanto, apesar de polarizado, grande parte das respostas desta pesquisa aponta para uma falta desse debate na UFPE - CAA, ao dizerem que *“[...] há 3 anos estou aqui e nunca ouvi ou presenciei discussões do tipo”* e *“Não, nunca tive acesso a esse tipo de debate nem no meu curso nem na universidade. Porém, acredito na importância dessa discussão dentro deste ambiente educacional e de escutas ativas e construtivas”*. Já aqueles que acreditam que existe certa discussão no âmbito acadêmico indicam que a mesma não abrange os impactos ambientais dos hábitos alimentares, explicitados nos trechos a seguir:

- *“No meu curso a gente tem discussões sobre sustentabilidade, relacionado a poluição ambiental no geral e aquecimento do planeta por exemplo, mas ainda não vi algo específico sobre a poluição gerada por hábitos alimentares, sabe?”*
- *“Acho que a universidade em algum grau promove discussões sobre sustentabilidade em alguns âmbitos, principalmente na produção industrial, muito lixo plásticos, poluição do meio ambiente, e afins, mas não creio que especificamente no de hábitos alimentares [...]”*
- *“Na área pedagógica discutimos ciência e políticas, que conseqüentemente estão atrelados aos impactos ambientais presentes no país. Mas direcionado aos hábitos alimentares não”*.
- *“No curso de medicina, debate-se, desde o primeiro ano, sobre alimentação saudável, mas não sobre a pegada de carbono existente entre os tipos de alimentação”*.

No curso de Administração, especificamente, os respondentes apontam que *“Não, não se debate muito em relação a isso”*, estando de acordo com os dados apresentados por Santos *et al.* (2020, p. 37) em sua pesquisa com discentes da UFPE CAA do curso de Administração, que indica que, apesar de haverem disciplinas obrigatórias relacionadas à temática como Ética e Responsabilidade Social, Gestão Social e Gestão Sustentável, as mesmas *“parecem não ser*

suficientes para desenvolver um senso de responsabilidade relacionado às questões de sustentabilidade” e os estudantes “consideram que o curso pouco tem contribuído para o desenvolvimento de competências profissionais para um administrador com responsabilidade socioambiental”, sugerindo a necessidade de um maior aprofundamento da temática da sustentabilidade na estrutura curricular do curso.

Em suma, através dos dados dessa pesquisa foi possível compreender como os estudantes da UFPE - CAA percebem a capacidade que dietas vegetarianas têm de contribuir para sustentabilidade, sendo importante para entender que a próxima geração de profissionais está, de modo geral, consciente sobre como a sustentabilidade é uma das pautas que ganha destaque na atualidade, mas que a universidade não tem contribuído o bastante para a inclusão desse tema no âmbito acadêmico, especialmente se tratando da alimentação que é um dos atos políticos mais comuns do ser humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sustentabilidade, discutida desde o século XVI, tornou-se tema central nas decisões políticas e de gestão em razão de sua complexidade multidimensional — envolvendo aspectos ambientais, econômicos, sociais, culturais e de poder. Nas últimas décadas, esse debate ganhou destaque internacional por meio de conferências promovidas pela ONU, culminando na Agenda 2030 e nos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que buscam integrar desenvolvimento econômico, justiça social e preservação ambiental.

Apesar dos avanços nas discussões globais, os impactos ambientais seguem intensos, sendo a pecuária uma das principais fontes de degradação ambiental e emissões de gases de efeito estufa. Nesse contexto, dietas vegetarianas surgem como alternativas com menor pegada de carbono. Diante do crescimento do interesse dos estudantes por temas sustentáveis, questiona-se se eles percebem essa relação. A escassez de estudos sobre o tema justifica a realização desta pesquisa, que visa não apenas suprir lacunas acadêmicas, mas também promover reflexões capazes de influenciar decisões futuras e fortalecer o papel das universidades como espaços de formação crítica e sustentável.

O primeiro objetivo específico se atentou a discutir as motivações das escolhas alimentares dos estudantes. Foi possível perceber que causas relacionadas à sustentabilidade, praticidade, preferências alimentares e saúde, são pontos-chaves para essa discussão, especialmente se tratando dos aspectos socioculturais como um dos principais fatores de influência neste comportamento. Além disso, destaca-se o acesso à informações sobre sustentabilidade relacionada à alimentação como um motivador para a adoção destas práticas alimentares, se tornando uma ferramenta com potencial de sensibilização e mudança de hábitos, ainda que seu impacto varie conforme as percepções e prioridades individuais.

O segundo objetivo específico pretendia analisar o conhecimento ambiental dos estudantes sobre a relação entre dietas vegetarianas e sustentabilidade. Entre os alunos que percebem a conexão dos temas, admite-se que a escolha por dietas sem produtos de origem animal, trazem impactos positivos para o meio ambiente. Ademais, os participantes indicam que a produção de alimentos de origem animal gera diversos problemas ambientais, estando conectados: ao desmatamento e às queimadas, principalmente para a abertura de pastagens; à grande utilização de recursos naturais, especialmente a água; à poluição; e à emissão de gases de efeito estufa. Reforça-se, assim, a visão de que a alimentação representa um tema central na discussão das questões ambientais. A pesquisa indica, também, que alguns estudantes não percebem a conexão entre os temas, evidenciando ainda a necessidade da disseminação de informações relacionadas à temática, visando garantir uma visão ampla e consciente.

Já o terceiro objetivo específico se propôs a entender como ocorrem as discussões na Universidade sobre a sustentabilidade atrelada às práticas alimentares do ponto de vista dos

estudantes, explicitando que, apesar dos mesmos considerarem que a Universidade é um lugar onde esperam que ocorram discussões sobre a sustentabilidade, muitos deles não presenciaram essas discussões em seus cursos ou no âmbito acadêmico em geral, porém, mesmo àqueles que indicaram que estiveram presentes nas discussões desta temática, disseram que as mesmas não trataram das práticas alimentares. Portanto, isto dificulta a conscientização dos estudantes, impedindo que os mesmos possam ter as informações necessárias para tomadas de decisões que contribuam para uma alimentação sustentável.

Ao se ponderar sobre o objetivo geral, identifica-se que, apesar de os estudantes perceberem uma relação entre os temas abordados e como existe um impacto ambiental causado pela pecuária, os mesmos têm dificuldades em quantificar esse impacto e como a pegada de carbono de alimentos de origem vegetal é menor que as de origem animal. Ainda levantam que o acesso à esse tipo de informações durante sua formação na escola e universidade causaram um certo impacto nos seus comportamentos, mas que o debate na universidade ainda é escasso, alguns apontando que não chegaram a ter acesso a essas discussões no ambiente acadêmico, principalmente quando se trata de hábitos alimentares sustentáveis, fazendo com que o acesso às informações seja um ponto crucial para a formação desses estudantes e os tornando agentes de mudanças em suas comunidades, pois as experiências vividas em seus âmbitos sociais e a influência da cultura se mostraram pilares essenciais para o desenvolvimento de uma alimentação saudável e sustentável.

Em síntese, os achados destacam o impacto que o acesso à informação e a discussão da temática nas universidades têm na formação de percepção dos estudantes que entendem a necessidade desse assunto e a importância de seu aprendizado, mas que ainda carecem de incentivos para tomadas de decisão e mudanças de hábitos, tornando essa pesquisa um motor gerador de novas indagações que podem influenciar outras investigações.

Portanto, destaca-se a relevância de promover um debate mais amplo sobre a relação entre alimentação e sustentabilidade no ambiente acadêmico, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A conexão com os ODS 2 (Fome Zero e Agricultura Sustentável), 3 (Saúde e Bem-Estar), 12 (Consumo e Produção Responsáveis), 13 (Ação Contra a Mudança Global do Clima) e 15 (Vida Terrestre) evidencia como a adoção de dietas vegetarianas contribuem para a mitigação dos impactos ambientais, a segurança alimentar, a saúde pública e a preservação dos ecossistemas. Assim, fomentar o acesso à informação e estimular práticas alimentares mais sustentáveis nas universidades pode sensibilizar os estudantes e impulsionar mudanças significativas em nível social, ambiental e econômico.

REFERÊNCIAS

ABIEC – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne. **Beef Report 2023**: perfil da pecuária no Brasil. São Paulo: ABIEC, 2023. Disponível em: <https://www.abiec.com.br/wp-content/uploads/Final-Beef-Report-2023-Completo-Versao-web.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR ISO 14040**: Gestão ambiental – Avaliação do ciclo de vida – Princípios e estrutura. Rio de Janeiro: ABNT, 2009.

AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, v. 19, p. 276-307, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/jZ4t5bjvQVqqXdNYn9jYQgL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 fev. 2025.

BARBIERI, José Carlos. A educação ambiental e a gestão ambiental em cursos de graduação em administração: objetivos, desafios e propostas. **Revista de Administração Pública**, v. 38, n. 6, p. 919 a 946-919 a 946, 2004. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/rap/article/view/6766/5348>. Acesso em: 9 fev. 2025.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. 11. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é-o que não é**. Editora Vozes Limitada. Petrópolis, RJ, 2017. ISBN: 978-85-326-5610-0.

BOGADO, Adriana Marcela; FREITAS, Denise de. A reconstrução de memórias da alimentação na formação inicial de professores de ciências: um reencontro com saberes, sabores, aromas e afetos. **ETD Educação Temática Digital**, v. 18, n. 3, p. 670-689, 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v18n3/1676-2592-etd-18-03-00670.pdf>. Acesso em: 9 fev, 2025.

BRAGA, Isabel Drumond. Em busca do novo Éden no século XX: os portugueses e a fundação de colônias naturistas no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 3, jul.-set. 2018, p. 659-678. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/RgVCMBwGNWNzvWMwqKgV8nb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. **Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986**. Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes gerais para a avaliação de impacto ambiental. Disponível em: https://conama.mma.gov.br/?option=com_sisconama&task=arquivo.download_&id=745. Acesso em: 28 set. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Superior 2023**. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-da-educacao-superior/mec-e-inep-divulgam-resultado-do-censo-superior-2023>. Acesso em: 8 fev. 2025.

CAVALCANTI, Renato da Silva; SILVA, Carlos Kleber Santos; LIRA, Jordana Soares; COSTA, Marconi Freitas. Preocupação Socioambiental e Hábitos de Consumo: o que nos dizem os estudantes universitários?. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/32577/23857>. Acesso em: 9 fev. 2025.

CNI - CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Sustentabilidade & Opinião Pública**. Novembro, 2023. Disponível em: https://static.portaldaindustria.com.br/portaldaindustria/noticias/media/filer_public/a9/75/a9753364-4595-4439-a19b-3880c22a0c8f/pesquisa_sustentabilidade_opiniao_publica.pdf. Acesso em: 4 out. 2024.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4245128/mod_resource/content/3/Nosso%20Futuro%20Comum.pdf. Acesso em: 3 out. 2024.

COSTA, Juliana. **Alimentando o futuro**: um estudo de percepção sobre alimentação sustentável entre dois cursos superiores luso-brasileiros – Licenciatura em Educação Ambiental (IPB) e Tecnologia em Gestão Ambiental (IFAL - MD). 2021. 97 f. il., color. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Alagoas, Campus Marechal Deodoro, Marechal Deodoro, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ifal.edu.br/server/api/core/bitstreams/5554aef7-8cde-4833-9b40-8e2ed86695dc/content>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Do pasto ao prato: subsídios e pegada ambiental da carne bovina [recurso eletrônico]. São Paulo: Instituto Escolhas, 2020. Disponível em: https://escolhas.org/wp-content/uploads/2020/01/Relatorio_Do-pasto-ao-prato_Pegadas_FIN_AL.pdf. Acesso em: 3 out. 2024.

DUARTE, Flávia Moreno; ALMEIDA, Suzy Darlen Soares de; MARTINS, Karine Anusca. Alimentação fora do domicílio de universitários de alguns cursos da área da saúde de uma instituição privada. **O Mundo da Saúde**, v. 37, n. 3, p. 288-298, 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/mundo_saude/alimentacao_fora_domicilio_universitarios_cursos.pdf. Acesso em: 4 out. 2024.

EM MOVIMENTO; REDE CONHECIMENTO SOCIAL; ENGAJAMUNDO; INSTITUTO AYÍKA. **PESQUISA JUMA - Juventudes, Meio Ambiente e Mudanças Climáticas**. Relatório Nacional - Novembro, 2022. Disponível em: <https://concertacaoamazonia.com.br/estudos/pesquisa-juventudes-meio-ambiente-e-mudancas-climaticas/>. Acesso em: 04 out. 2024.

FEITOSA, Eline Prado Santos; DANTAS, Camila Andrade de Oliveira, ANDRADE-WARTHA Elma Regina Silva; MARCELLINI, Paulo Sergio; MENDES-NETTO Raquel Simões. Hábitos alimentares de estudantes de uma universidade pública no nordeste, Brasil. **Rev Alim Nutr**, Araraquara, SP. v. 21, n. 2, p. 225-230, abr./jun. 2010. ISSN 0103-4235. Disponível em: https://d1wqtxtslxzle7.cloudfront.net/52597848/1185-5693-1-PB_2_1-libre.pdf?1492024764=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DHABITOS_ALIMENTARES_DE_ESTUDANTES_DE_UMA.pdf&Expires=1742540493&Signature=A1Y7QwAMvTEOogZhCdx4blzjbdL8MU9AndRhR70SROjHSjDkxwZJ3-azxldfQcq6Fa9VQqfLGcYwOzgTKYr1O-oHqzakS1T6gP0WYAp5rPpMvT7DI3wSf933N-119QntWg7kMPBTdDaE6KN6I3Q6IKzkTsLjfdFEbsASuF9KkL1PJfJ-7PHFz~I4DPs-4RDryJmZvgfpwUxKdEEn-p66gAJhezSChz4ZjdJvz1XtyZdv-INOrLWQ6~B1sliqbldeFz7gyngTLd7q37oswO4w8rHzFKgmKU5lOrduxI51WnXne9HCc7GYYAMltWCzmE6iUD5pIjyBi0eIJtJOg1l1zg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGLSRBV4ZA. Acesso em: 21 mar. 2025.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p. ISBN 978-85-363-1711-3

GARZILLO, Josefa Maria Fellegger; MACHADO, Priscila Pereira; LOUZADA, Maria Laura da Costa; LEVY, Renata Bertazzi; MONTEIRO, Carlos Augusto. **Pegadas dos alimentos e das preparações culinárias consumidos no Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da USP, 2019. 74 p.: il. color. ISBN: 978-85-88848-36-8 (eletrônico). DOI: 10.11606/9788588848368. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/393/345/1602>. Acesso em: 29 set. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção agropecuária:** bovinos. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/producao-agropecuaria/bovinos/br>. Acesso em: 28 set. 2024.

IPCC, 2007: **Climate Change 2007: The Physical Science Basis**. Contribution of Working Group I to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Solomon, S., D. Qin, M. Manning, Z. Chen, M. Marquis, K.B. Averyt, M. Tignor and H.L. Miller (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, 996 pp. Disponível em: https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/05/ar4_wg1_full_report-1.pdf. Acesso em: 1 fev. 2025.

IPCC, 2021: **Annex VII: Glossary** [Matthews, J.B.R., V. Möller, R. van Diemen, J.S. Fuglestvedt, V. Masson-Delmotte, C. Méndez, S. Semenov, A. Reisinger (eds.)]. In *Climate Change 2021: The Physical Science Basis*. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S.L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M.I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T.K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu, and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press, Cambridge, United Kingdom and New York, NY, USA, pp. 2215–2256, doi:10.1017/9781009157896.022. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/wg1/downloads/report/IPCC_AR6_WGI_AnnexVII.pdf. Acesso em: 1 fev. 2025.

IPCC, 2021: **Sumário para Formuladores de Políticas**. Em: *Mudança do Clima 2021: A Base da Ciência Física*. Contribuição do Grupo de Trabalho I ao Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas [Masson-Delmotte, V., P. Zhai, A. Pirani, S. L. Connors, C. Péan, S. Berger, N. Caud, Y. Chen, L. Goldfarb, M. I. Gomis, M. Huang, K. Leitzell, E. Lonnoy, J.B.R. Matthews, T. K. Maycock, T. Waterfield, O. Yelekçi, R. Yu and B. Zhou (eds.)]. Cambridge University Press. No Prelo. Disponível em: https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/sirene/publicacoes/relatorios-do-ipcc/arquivos/pdf/IPCC_mudanca2.pdf. Acesso em: 1 fev. 2025.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7. ed. 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática. **Revista economia e desenvolvimento**, v. 16, n. 1, p. 23-41, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231146376.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise qualitativa:** teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, p. 621-626, 2012.

NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Trajetória da sustentabilidade: do ambiental ao social, do social ao econômico. **Estudos avançados**, v. 26, p. 51-64, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/yJnRYLWXSwyxqggqDWy8gct/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2025.

ONU BRASIL. **A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Nações Unidas Brasil. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ONU BRASIL. **A ONU e o meio ambiente**. Nações Unidas Brasil. 2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91223-onu-e-o-meio-ambiente>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ONU BRASIL. **Objetivos globais da ONU**: materiais gráficos. Nações Unidas Brasil. 2015. Disponível em: <https://trello.com/b/kIJmCvp5/onu-brasil>. Acesso em: 2 jul. 2025.

ONU BRASIL. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Nações Unidas Brasil. 2025. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 20 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA (FAO). STEINFELD, Henning; GERBER, Pierre; WASSENAAR, Tom; CASTEL, Vincent; ROSALES, Mauricio; HAAN, Cees de. **Livestock's long shadow: environmental issues and options**. 2006. ISBN 978-92-5-105571-7. Disponível em: <https://openknowledge.fao.org/server/api/core/bitstreams/36ade937-4641-46ed-aac4-6162717d8a7f/content>. Acesso em: 4 fev. 2025.

PEREZ, Patrícia Maria Périco; CASTRO, Inês Rugani Ribeiro de; FRANCO, Amanda da Silva; BANDONI, Daniel Henrique; WOLKOFF, Daisy Blumenberg. Práticas alimentares de estudantes cotistas e não cotistas de uma universidade pública brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 531-542. 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015212.01732015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HYT9BWZYwfJR5gbPdNvLBML/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 4 out. 2024.

Projeto MapBiomias. **Mapeamento Anual de Cobertura e Uso da Terra no Brasil**. Coleção 9, 2024. Disponível em: https://brasil.mapbiomas.org/wp-content/uploads/sites/4/2024/10/Factsheet-Amazonia_C9_01_10_v2.pdf. Acesso em: 2 fev. 2025.

SANTOS, Jaqueline Guimarães; ALVES, Ana Paula Ferreira; FLORÊNCIO, Dielly Rodrigues Lopes; FERREIRA, Charles Evandre Vieira. Educação para a sustentabilidade no Ensino Superior: Um estudo com Bacharéis em Administração. **REUNIR Revista de Administração Contabilidade e Sustentabilidade**, v. 10, n. 1, p. 30-42, 2020. Disponível em: <https://www.reunir.revistas.ufcg.edu.br/index.php/uacc/article/view/769/543>. Acesso em: 9 fev. 2025.

SEEG - Sistema de Estimativa de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa, Observatório do Clima. **Análise das emissões de gases de efeito estufa e suas implicações para as metas climáticas do Brasil 1970-2022**. Brasil, 2023. Disponível em: https://oc.eco.br/wp-content/uploads/2023/11/Relatorio-SEEG_gases-estufa_2023FINAL.pdf. Acesso em: 28 set. 2024.

SEEG - Sistema de Estimativa de Emissões e Remoções de Gases de Efeito Estufa, Observatório do Clima. **Análise das emissões de gases de efeito estufa e suas implicações**

para as metas climáticas do Brasil 1970-2023. Brasil, 2024. Disponível em: <https://seeg.eco.br/wp-content/uploads/2024/11/SEEG-RELATORIO-ANALITICO-12.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2025.

SILVA, Sandra Cristina Gomes; PINHO, João Pedro; BORGES, Cátia; SANTOS, Cristina Teixeira; SANTOS, Alejandro; GRAÇA, Pedro. **Linhas de orientação para uma alimentação vegetariana saudável.** Programa Nacional para a Promoção da Alimentação Saudável, Direção-Geral da Saúde, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://alimentacaosaudavel.dgs.pt/activeapp2020/wp-content/uploads/2020/01/Linhas-de-Orienta%C3%A7%C3%A3o-para-uma-Alimenta%C3%A7%C3%A3o-Vegetariana-Saud%C3%A1vel.pdf>. Acesso em: 16 out. 2024.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. 2. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2008. ISBN 978-85-363-1043-5.

SVB - SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Estatuto da Sociedade Vegetariana Brasileira.** Disponível em: <https://svb.org.br/a-svb/estatuto/#:~:text=Par%C3%A1grafo%201%C2%BA%20%E2%80%93%20Qualquer%20pessoa%20pode>. Acesso em: 3 fev. 2025.

SVB - SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Pesquisa do IBOPE aponta crescimento histórico no número de vegetarianos no Brasil.** 2022. IBOPE, 2018. Disponível em: <https://svb.org.br/2469-pesquisa-do-ibope-aponta-crescimento-historico-no-numero-de-vegetarianos-no-brasil/>. Acesso em: 20 set. 2024.

SVB - SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **São diversos os motivos que levam os indivíduos a se tornarem vegetarianos.** São Paulo, SP. Disponível em: <https://svb.org.br/vegetarianismo-e-veganismo/o-que-e/>. Acesso em: 20 set. 2024.